



**ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS**  
**Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:**  
**90 anos da semana de arte moderna**  
**28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858**

**METAFICÇÃO. ALTERIDADE. CRUELDADE:**  
**a representação da violência em um conto de Retrâteis, de Tazio Zambi**

Felipe Benício de Lima<sup>1</sup>

Marcus Vinícius Matias<sup>2</sup>

**RESUMO**

O objetivo desse trabalho é analisar a representação da violência em *Retrâteis* (2009), de Tazio Zambi. Embora esse livro tenha sido vencedor do Prêmio Lego de Literatura 2007 na categoria “contos”, ele agrega elementos que subvertem o próprio gênero. Por trazer uma linguagem muito cifrada, com períodos que não se completam semântica ou sintaticamente, o livro se aproxima muito da linguagem poética; *Retrâteis* também se aproxima do gênero romance, uma vez que alguns contos remetem (ou dão continuidade) à outros; além disso, nenhum dos contos que compõem a obra têm título, parágrafo ou ponto final. Tomando como *corpus* de pesquisa o 20º conto desse livro, analisamos como a violência é representada. Para desvelar os mecanismos da representação da violência nesse conto, empreendemos uma discussão pela perspectiva da linha de pesquisa *Literatura, cultura e sociedade*, acerca de questões como a metaficção, a alteridade e a crueldade que se apresentam profundamente relacionadas à representação da violência nesse texto. A metaficção faz-se necessária porque o narrador torna a feitura do próprio conto a razão de sua ficção, de modo tal que ele, reconhecendo-se enquanto narrador ficcional e ficcionista ao mesmo tempo, interage com as personas de sua cria; partindo desse ponto, a discussão sobre alteridade – não enquanto sociedade, mas enquanto “eu individualizado” (VELHO, 1996, p. 10) – fornece subsídios para analisar a relação estabelecida entre o narrador e os personagens, estendendo para o terreno ficcional essa questão psicossocial; no que concerne à

---

<sup>1</sup> Autor/apresentador, aluno da Universidade Federal de Alagoas.

<sup>2</sup> Orientador, professor da Universidade Federal de Alagoas.



**ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS**  
**Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:**  
**90 anos da semana de arte moderna**  
**28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858**

crueidade, fazemos uso da categorização feita por Ângela Dias (2008), que estabelece três formas de manifestação da crueldade na literatura brasileira contemporânea: crueldade física, crueldade exótica e crueldade melancolia. Considerando-se todas essas questões, a análise literária revela que, dentre outros resultados, a violência nesse conto de Tazio Zambi, não empreende representação sociológica desse fenômeno, e sim, assume um caráter de recurso puramente estético.

Palavras-chave: *Retráteis*; metaficção; crueldade; alteridade; narrativa contemporânea

#### **A TÍTULO DE INTRODUÇÃO, PRIMEIRAS PALAVRAS**

A literatura, dentre outras acepções, é uma forma de representação esteticamente organizada do mundo em que vivemos. Mas é importante ressaltar que a literatura, embora mantenha uma estreita relação com a verdade histórica e a realidade factual, conserva o seu compromisso com a verossimilhança. Daí encontrarmos nas obras literárias uma organização de mundo que, embora dotada de uma unidade artística, subverte o seu exterior referente, como uma imagem refletida em um espelho baço, ou – por que não dizer – quebrado. Assim, estudar um fenômeno social dentro de uma obra literária é, acima de tudo, analisá-lo em sua dimensão estritamente diegética, considerando os aspectos formais imanentes a essa expressão artística.

A representação da violência nas artes, sobretudo no âmbito literário, embora não figure como algo inteiramente novo, vem sendo amiúde debatida nas últimas décadas, como a acompanhar uma recorrência cada vez mais frequente na sociedade brasileira contemporânea. No prefácio da antologia *Contos Cruéis* (2006), Rinaldo de Fernandes afirma: “O Brasil se tornou mais violento nos últimos tempos. A nossa pobreza pede soluções que não chegam. As nossas cidades choram cotidianamente os seus mortos. O escritor vai fazer o quê? Pintar as ruas de risos e rosas?” (FERNANDES, 2006, p. 16). Claro que não, seria a resposta. Daí a razão de termos como emergentes uma gama de escritores que se debruçam avidamente pelas temáticas transgressoras, e,



**ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS**  
**Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:**  
**90 anos da semana de arte moderna**  
**28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858**

dentro dessas a violência se faz presente. Sejam os já canonizados nessa vertente literária, como é o caso de Rubem Fonseca, Glaucio Mattoso, ou aqueles que estão a relativamente pouco tempo no *mainstream* literário, como é o caso de André Sant’Anna, Arturo Gouveia, Marcelino Freire, a literatura tem se mostrado como meio de apresentação, representação e debate de questões sociais.

A literatura, então, podendo ser um meio a partir do qual é possível refletir sobre questões relevantes para a sociedade, como propõem os estudos culturais, nada mais justo que comecem a surgir diretórios de pesquisa, disciplinas acadêmicas, simpósios etc. que trabalhem com a representação da violência na obra literária, e a relação dessa com a sociedade<sup>3</sup>. No entanto, a reflexão proposta por esse trabalho, dada a natureza do conto em análise, tem um tom mais hermético, da obra que se volta para a própria obra e só com ela se relaciona. Daí a razão de propormos uma reflexão sobre a relação estética da violência na produção literária.

## **OS LABIRINTOS RETRÁTEIS**

A obra em análise é um conto do livro *Retráteis* (2009), de Tazio Zambi. O livro, vencedor do Prêmio Lego de Literatura 2007, na categoria contos, é extremamente engenhoso e agrega elementos que subvertem o próprio gênero. Por trazer uma linguagem muito cifrada, com períodos que não se completam semântica ou sintaticamente, o livro se aproxima muito da linguagem poética – uma poesia seca e hermética; *Retráteis* também se aproxima do gênero romance, uma vez que alguns contos remetem (ou dão continuidade) à outros. Isso, aliado ao fato de que os contos não tem nomes e as páginas não são enumeradas, faz com que o leitor tenha a sensação de estar percorrendo um labirinto, e muitas vezes, com a sensação de estar passando pelo mesmo lugar, como afirma Nelson Netto em sua análise desse livro:

---

<sup>3</sup> Como exemplo disso, podemos citar o grupo de pesquisa *Literatura e violência*, recentemente criado pelo prof. Ms. Marcus Vinícius Matias juntamente com alunos da graduação da Faculdade de Letras – Fale-Ufal. Foi a partir das reuniões desse grupo que o presente trabalho foi produzido.



**ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS**  
**Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:**  
**90 anos da semana de arte moderna**  
**28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858**

O livro adquire o conceito de retrátil pelo fato de os contos estarem sempre em estado de acontecimento, se apresentando em um meio de sequência marcado pela ausência de maiúsculas e pela elipse de alguns elementos nas primeiras e últimas frases de cada um deles (NETTO, 2011, p. 12).

E continua:

É como se o texto acontecesse em outro campo que não o do veículo livro e se apresentasse às páginas em um movimento de expansão, retraindo-se abruptamente em um movimento contrário, em que o leitor só consegue captar as palavras durante o deslocamento (idem, ibidem).

Além dessas características apontadas por Netto, que transgridem as regras formais de escrita e de narrativa, podemos apontar outros recursos recorrentes, como a mudança da perspectiva narrativa, que ora é em primeira pessoa, ora em terceira; e essa mudança de perspectiva acontece muitas vezes no mesmo conto, o que faz com que o leitor fique perdido, sem saber se está lendo um comentário do narrador, a fala ou o pensamento de um personagem. No conto em análise nesse trabalho, que é o 20º do livro, encontramos outro recurso que é bastante usado em todo o livro: a metaficção.

## **METAFICÇÃO**

A “ficção”, dentre outras definições, segundo o dicionário Mini Aurélio Século XXI, é o “ato ou efeito de fingir” (FERREIRA, 2004, p. 346); “fingir”, por sua vez, significa “inventar, fabular” (Idem, p. 348). De acordo com Massaud Moisés, a “literatura é ficção por meio da palavra” (1988, p. 229). Desse modo, a leitura de uma obra de literatura é a assinatura de um pacto de ilusão entre o autor/a e o/a leitor/a, no qual esse/a último/a, independente de suas concepções de mundo, aceita ser iludido/a pelo o que está escrito, dito pelo narrador, pelo menos durante a sua leitura. Senão, como ler *A náusea*, de Sartre, ou *Manuscrito encontrado numa garrafa*, de Poe?

Na contramão do que foi dito acima, encontramos a metaficção, que se caracteriza como uma forma de escrita “que explicita, de diferentes maneiras, sua



**ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS**  
**Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:**  
**90 anos da semana de arte moderna**  
**28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858**

condição de ficção, quebrando assim o contrato de ilusão entre o autor e o leitor” (BERNARDO, 2011). E isso podemos perceber claramente no conto em análise, nas seguintes frases: “Chamo o rapaz de que esqueci, barriga nua contra o piso frio” (RETRÁTEIS, 2009)<sup>4</sup> e “Ele, giz de cera que lhe dei, desenha uns elefantes azuis” (Idem).

As expressões “o rapaz de que esqueci” e “giz de cera que lhe dei” evidenciam, pela conjugação dos verbos, a voz do narrador em primeira pessoa. Mais que isso: demonstram claramente o movimento do narrador em direção ao desvelar dos mecanismos de composição da narrativa – uma espécie de desnudamento metaficcional, no qual nos é revelado, com certa dose de cinismo, o desleixo absurdo de “esquecer” uma personagem em um tempo-espaço não definido, como se a um objeto. O narrador, em seu lidar com as personagens faz com que pareçam marionetes. E são. E é isso que o conto mostra: os personagens nada mais são do que criações do narrador, que por conta disso faz o que bem entender com eles.

Uma vez que o narrador interage com as personas de sua cria, poderíamos caracterizá-lo como intradieético, o que gera um efeito alquímico-verbal, como se o narrador nascesse da palavra que ele mesmo escreve, tal qual no quadro *Mãos que se desenham* (1948), de Escher.

A voz que fala nesse conto se autodenomina “narrador enfasiado”, no fim da narrativa. Estando ele enfasiado, põe-se a se divertir criando e submetendo as personagens à situações-limite. Não há descrição do tempo nem do local onde se passa a narrativa, e a impressão que temos é que as personagens estão dentro de uma caixa, e que são observadas pelo narrador, como podemos nas seguintes frases: “Porra, ela geme, olhando pra mim” (RETRÁTEIS, 2009), e “Ele me olha, indolente, como não me conhecesse” (Idem).

---

<sup>4</sup> A ausência da numeração da página nesta e nas subsquentes referências é porque a obra não traz essa numeração em seu projeto gráfico.



**ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS**  
**Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:**  
**90 anos da semana de arte moderna**  
**28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858**

Espanta, não só a onipresença desse narrador, mas a consciência que as personagens da narrativa têm de sua presença, observando e sendo observadas como reféns em um cativo. Essa relação do “eu” com o “outro”, permeada pelos olhares, nos leva ao cerne da discussão acerca da alteridade dentro da obra literária.

### **ALETRIDADE**

Nesse conto, mesmo se quiséssemos, não poderíamos discutir questões sociais, no que diz respeito à alteridade, como é de costume. Sendo assim, falaremos do outro, o “eu individualizado”, e não do Outro, a sociedade (VELHO, 1996, p. 10). Aqui, como já foi mostrado, o conto fala sobre o próprio conto, e a intriga se faz em seu interior. Assim, temos o narrador, que, ficcionalmente, dá vida a suas personagens quando redige a história, e assume uma postura um tanto sádica em relação aos frutos de sua caneta. É estabelecida, então, por meio do olhar, uma tensa relação entre narrador e personagens, na qual o primeiro adota postura de dominador, enquanto os outros, como fossem indivíduos, auto-conscientes de sua condição de personagem de ficção, reagem a cada decisão tomada pelo narrador, o que faz com que o texto pareça estar acontecendo no instante exato em que o estamos lendo: “Por que você me pôs nessa? Não vejo sentido. E sinto que vai chorar se eu permanecer calado. Nada poder lhe dizer não me aflige. Eu te odeio, ela, entredentes, ou tencionou-o” (RETRÁTEIS, 2009).

Nesse conto há uma instabilidade em relação ao que é dito e aquele que diz, pois não há indicação de fala de personagem, ou seja, as partes que estão em primeira pessoa tanto podem ser falas/pensamentos dos personagens, como também comentários do narrador, a depender da interpretação de cada leitor.

Essas duas últimas citações do conto mostram que as posições se definem na tensão entre os olhares: o olhar do narrador estabelece que as personagens são apenas personagens, e estão sob os desígnios de sua criatividade; da mesma forma, as personagens, cômicas de sua natureza ficcional, se encontram diante da



**ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS**  
**Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:**  
**90 anos da semana de arte moderna**  
**28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858**

impossibilidade de poder mudar seus “destinos”, os rumos de suas trajetórias, mas não deixam de protestar. Isso nos leva a concordar com Velho (1996, p. 10), que afirma: “a existência do ‘eu-individual’ só é permitida mediante o contato com o outro”.

Essa relação metaficcional com a alteridade que é estabelecida no conto é permeada por um certo grau de crueldade, assunto a respeito do qual Ângela Dias estabelece uma tipologia, com a argúcia que lhe é característica.

## **CRUELDADE**

Ângela Maria Dias, em seu ensaio *Cenas da Crueldade: ficção e experiência urbana* (2008), a partir da análise de obras da literatura brasileira contemporânea, define três tipos de crueldade: a física, a exótica e a melancólica. Nos interessa as duas últimas, das quais, por definição, a melancólica é aquela que

exprime-se pela indiferença, pela incapacidade da perda e do desejo. O dano narcísico que sustenta o melancólico funda-se na falta de amor frente a um objeto primeiro que não soube ou não foi capaz de doar-se. Por isso, o melancólico é um enlutado sem a experiência do luto. Apenas capaz do remorso e da culpa por um crime malgrado e sempre recomeçado, já que visa um objeto ausente (p. 38).

Ora, o que faz o narrador do conto analisado senão mostrar-se de forma narcísica diante da sua obra, manipulando suas personagens como bem entende? Sendo o melancólico um “enlutado sem a experiência do luto”, que será, pois, nosso narrador, senão um melancólico, uma vez que se auto-define como “narrador enfasiado”? E esse “crime malgrado e sempre recomeçado” não nos remete ao próprio fazer literário, que é um constante exercício de fazer-e-refazer? Dias afirma que, na literatura, a crueldade melancólica se expressa por meio de “situações-limite, quase irreais em seu potencial dramático”. Pois, não é isso que o narrador do conto analisado faz com suas personagens, expô-las a situações da qual eles não tem como escapar, afinal são personagens de ficção?



**ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS**  
**Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:**  
**90 anos da semana de arte moderna**  
**28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858**

Já a crueldade exótica, Dias define como aquela que lança um olhar estetizante na compreensão do outro, como a estetização da penúria e da privação; isso é que podemos facilmente encontrar em reality shows, principalmente aqueles que se mostram com o objetivo de ajudar pessoas – uma vez que para isso, lançam um olhar sobre suas fragilidades e diferenças (sociais, raciais, culturais). No conto, esse olhar exótico se dá exatamente quando o narrador expõe seus personagens a situações desconfortantes, para delas tirar certo prazer, ou divertimento, paliativo para o seu fastio.

Com um trecho do conto, exatamente o final, podemos ilustrar com um exemplo essas duas categorias de crueldade: “Quando a fúria se arrefece, ela a um vértice da sala. Antes, derrubou algumas cadeiras, arrancou lascas de tinta branca à procura de uma porta, ou janela. Que não existem. É brincadeira, brincadeira, digo eu, o narrador enfasiado” (RETRÁTEIS, 2009).

Nesse fragmento podemos perceber como o narrador expõe seus personagens a “situações-limite”, para delas deleitar-se sadicamente. Por não ter um início e um fim sintaticamente definidos, o conto parece continuar em um outro espaço ao qual não temos acesso, mas deixa a certeza de que o narrador está fadado a continuar no compasso disrítmico cíclico fastio-tédio-melancolia.

### **A PROPÓSITO DE CONCLUSÃO, ÚLTIMAS PALAVRAS**

Com base no que discutimos até agora, podemos dizer que toda a crueldade que perpassa o conto tem uma motivação estética e perversa, que, na tríade que compõe a literatura (obra, narrador e leitor), oferece prazer apenas para um de seus componentes: o próprio narrador. Ele é sádico, e cria situações apenas em função de seu gozo enfasiado. Nosso narrador é um perverso e, como tal, priva do gozo tanto os seus personagens – “ela levanta a saia, aguarda. Ele a abraça, diz que Não, agora não” (RETRÁTEIS, 2009) – quanto o leitor. Esse último não goza de sua leitura por perceber





**ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS**  
**Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:**  
**90 anos da semana de arte moderna**  
**28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858**

que, ao chegar ao final, está diante de um exercício de fastio de um narrador que faz o leitor de bobo ao dizer que está simplesmente brincando.

Como a violência exposta no conto não mantém nenhuma relação com a sociedade – não remete a problemas sociais – e sim a própria feitura do texto literário, aliando isso a todas as transgressões formais do texto enquanto gênero e enquanto livro, podemos dizer que essa é uma violência puramente estética, que se ocupa apenas com questões estilísticas da obra.

Com isso, concluímos que a representação da violência na literatura nem sempre está acompanhada de uma crítica social, e pode, como vimos, ser uma violência apenas na instância simbólica, autorreferencial, voltada apenas para as transgressões estéticas, ou com finalidades estéticas, sem qualquer relação (direta) com a sociedade.

## **REFERÊNCIAS**

- BERNARDO, Gustavo. “Da metaficção como agonia da identidade”. *Confraria do Vento*. Rio de Janeiro, n. 17, nov./dez. 2007. Disponível em: <http://www.confrariadovento.com/revista/numero17/ensaio03.htm> Acessado em: 29/ 10/2011
- DIAS, Ângela M. “Cenas da Crueldade: ficção e experiência urbana”. In: Dalcastagnè, Regina (org.). *Ver e Imaginar o Outro. Alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Belo Horizonte, 2008.
- FERNANDES, Rinaldo de. “Primeira Página”. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Contos Cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira*. São Paulo: Geração Editorial, 2006.
- MÓISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 1988.



**ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS**  
**Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:**  
**90 anos da semana de arte moderna**  
**28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858**

NETTO, Nelson. “Labirinto de Concreto”. In: CAVALCANTI, Ildney. MATIAS, Marcus. (Orgs.). *Caderno de Literatura e Jornalismo*. Maceió: Edufal, 2011.

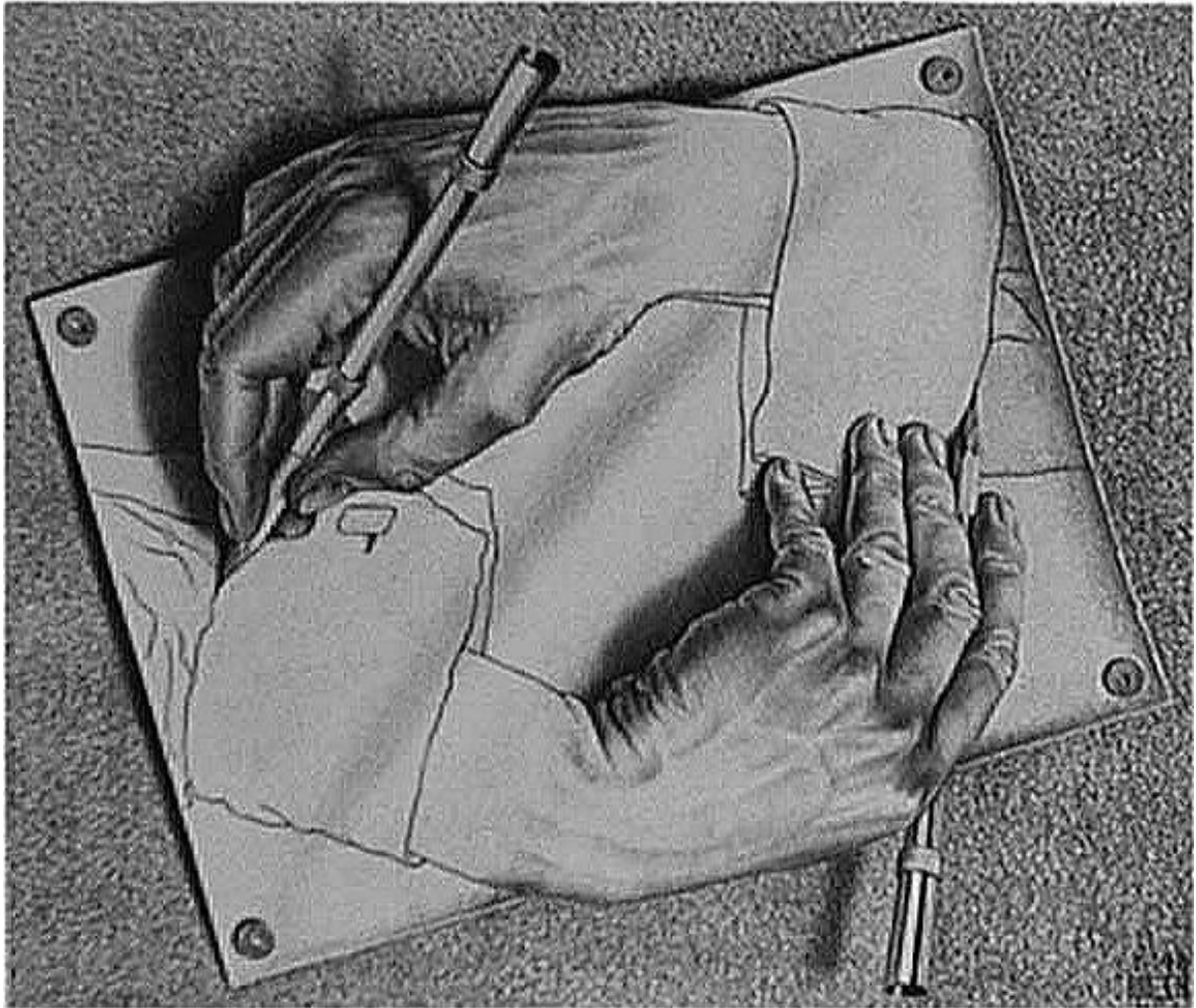
VELHO, G. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 6.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

ZAMBI, Tazio. *Retráteis*. Maceió: Edufal, 2009.

**ANEXOS**

**Anexo 1**

**ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS**  
**Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:**  
**90 anos da semana de arte moderna**  
**28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858**



*Mãos que se desenhavam* (1948), de Maurits Cornelis Escher

Disponível em <<http://www.confrariadovento.com/revista/numero17/drawing%20hands.jpg>> Acessado em: 29/ 10/2011



**ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS**  
**Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:**  
**90 anos da semana de arte moderna**  
**28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858**

**Anexo 2** (Transcrição do conto analisado)

ela levanta a saia, aguarda. Ele a abraça, diz que Não, agora não. Que me amarga a boca uma palavra, ah, apenas uma. Me recuso a pronunciá-la, por temor, entende? Ela sobe na mesa, fica em pé, lâmpada acesa envolve-a (primeiro plano), auréola imprevista. Diz: Você deve dizer, porque ainda que. Não, ele a interrompeu, não termine. Se deita no chão, de bruços, o rosto apoiado nas mãos cruzadas. Que eu sei, já o sei, ao som que ameaça vir do que é você. Tenho medo de vê-lo se fazer. Porra, ela geme, me olhando. Já sentada na mesa, pés balançantes, cospe no chão. Por que você me pôs nessa? Não vejo sentido. E sinto que vai chorar se eu permanecer calado. Nada poder lhe dizer não me aflige. Eu te odeio, ela, entredentes, ou tencionou-o. Chamo o rapaz de que esqueci, barriga nua contra o piso frio. Ele me olha, indolente, como não me conhecesse. Eu constrangido, merda. Digo-lhe: Tudo bem, para evitar alteração. Ela se deixa levar por uma crise de histerismo que não ousou descrever. Acusa-me. Ele, giz de cera que lhe dei, desenha uns elefantes azuis. Quando a fúria se arrefece, ela a um canto da sala. Antes, derrubou algumas cadeiras, arrancou lascas de tinta branca a procura de uma porta ou janela. Que não existem. É brincadeira, brincadeira, digo eu, o narrador enfasiado